

A PESQUISA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA: POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO EFETIVA

Izabelle Trajano da Silva
Graduanda em Geografia na UEPB

Resumo

O presente trabalho é fruto de discussões realizadas no componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) durante o primeiro semestre de 2011. As discussões apontam a necessidade da pesquisa para identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos da educação básica em aprender Geografia. Para esse fim, utilizaram-se os seguintes instrumentos de diagnóstico: um questionário aplicado com 36 alunos do 8º ano do ensino fundamental da EEEF de Aplicação, localizada no bairro Catolé, em Campina Grande-PB e a observação de seis aulas na referida turma. Dessa forma, foi possível perceber que para os alunos, a Geografia não é uma das mais empolgantes disciplinas escolares. Pode-se indicar a leitura de mapas como uma das dificuldades levantadas pelos alunos frente à Geografia, o que provavelmente contribuiu para uma imagem negativa desse componente na referida turma. O estágio supervisionado possibilita uma aproximação entre a universidade e a escola. Por isso, é imprescindível o contato entre o estagiário e a comunidade escolar para identificar os fatores internos e externos que influenciam o cotidiano dos alunos em sala de aula. A inserção da pesquisa no estágio é importante porque contribui para a formação do professor pesquisador, profissional preocupado em detectar os obstáculos do processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para a construção de cidadãos participativos na sociedade contemporânea.

Palavras chave: Estágio Supervisionado, Geografia, Pesquisa, Dificuldades.

1 Introdução

A educação pública brasileira apresenta múltiplas dificuldades, como a inadequada infraestrutura, docentes sem formação acadêmica superior ou com formação incoerente a área em que atua; uma gestão escolar ineficiente, ausência de formação continuada para os professores graduados, sem falar nos baixos salários, aspecto sempre ressaltado quando o assunto é o desempenho dos professores no processo de ensino/aprendizagem. Esse cenário é bastante discutido nas aulas de Prática Pedagógica e de Estágio, porém nas demais disciplinas curriculares há pouco espaço para falar em docência, dessa forma as discussões restringem-se a formação técnica, ou seja, de conteúdos.

Kimura (2008) afirma que a sociedade procura a escola para suprir o estudo e a aprendizagem, ou seja, é o local que oferece o ensino regular e a certificação exigida para a inserção do trabalhador no mercado. A referida autora acrescenta ainda que a escola pode desempenhar duas funções: reprodução ou transformação. Na primeira, a escola contribui para a manutenção das desigualdades sociais, através de aulas que priorizam a reprodução de conteúdos cristalizados, dessa forma não há espaço para discussão e reflexão sobre os conteúdos que estão sendo estudados. Já na função de transformação, a escola possibilita a reflexão e o debate no decorrer das aulas para que os discentes conheçam a realidade em que vivem, através dos conteúdos que são problematizados por todos na sala de aula, ou seja, pelo

docente e pelos alunos estimulando o hábito de questionar e criticar, sempre que o indivíduo achar necessário para a compreensão da realidade.

A Geografia pode contribuir para que a população conheça o ambiente em que vive e as relações estabelecidas no espaço, relações estas que podem ser sociais, econômicas, culturais, de poder etc. Por isso, faz-se necessário que o estagiário pesquise o espaço escolar antes da regência, pois, desse modo obterá informações valiosas a partir do diagnóstico realizado, fundamentando o projeto de intervenção que será voltado para minimizar as dificuldades enfrentadas pelas turmas ao estudar Geografia.

Quando o futuro professor percebe a importância da pesquisa em sua formação inicial, ele sabe que no decorrer do seu magistério será fundamental formular ações e projetos voltados à construção de novos saberes que superem a reprodução do conhecimento tido como cristalizado. Esse processo despreza os obstáculos que os discentes enfrentam ao compreender os conteúdos de Geografia e enfatiza o desempenho do professor pesquisador, ao buscar identificar os entraves do processo de ensino aprendizagem e construir estratégias que possam auxiliar os discentes a se tornarem atores sociais, sujeitos críticos e ativos, cumprindo desse modo, o papel de transformação social da escola.

No que diz respeito ao perfil dos estagiários têm-se dois grupos principais: o primeiro é formado por estudantes que já atuam no magistério e buscam no estágio diversificar ou obter novas metodologias para a prática docente; já o segundo grupo é composto por alunos que nunca vivenciaram o cotidiano escolar e o seu primeiro contato se dá exatamente no estágio, ocasionando as seguintes perguntas: Como realizar aulas interessantes e envolver a todos os alunos? De que forma é possível ministrar aulas com uma Geografia crítica de fato, auxiliando os alunos a se tornarem pessoas ativas na sociedade? O que os alunos pensam sobre a Geografia? Quais as suas principais dificuldades em aprender essa disciplina?

Dentro desse contexto, o presente trabalho visou esclarecer a importância da pesquisa na formação inicial do professor. No estágio supervisionado, a pesquisa é um instrumento de diagnóstico que possibilita a intervenção fundamentada no espaço escolar. Aponta ainda, algumas dificuldades enfrentadas pelos alunos ao estudar Geografia e a partir de ações baseadas no trabalho da coleta de dados o estagiário pode auxiliar a comunidade escolar a superar tais dificuldades.

2 Metodologia

A presente pesquisa foi fruto do componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) durante o primeiro semestre de 2011.

A experiência de estágio vivenciada foi a de observação que possibilitou o conhecimento do espaço escolar para a posterior efetivação da regência. A escola campo foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação, localizada no bairro Catolé em Campina Grande-PB. Foram observadas seis aulas em uma turma de 8º ano, sendo aplicados 36 questionários na referida turma.

A aplicação dos questionários é necessária no diagnóstico das principais dificuldades enfrentadas pela turma em aprender Geografia, para pensar formas de contribuir na minimização destas dificuldades nas aulas posteriores a partir do projeto de intervenção aplicado pelo estagiário no decorrer de sua regência. Oliveira (2009) afirma que o projeto de intervenção deve ter como principal foco a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem através de mudanças que dinamizem as aulas. É preciso evitar aulas caracterizadas como treinamento em que é evidenciado o caráter de reprodução sem estímulo a criatividade e a criticidade.

No que concerne a análise dos questionários, para as perguntas que admitiam respostas diversas foi adotado a criação do sujeito coletivo, que se baseia no agrupamento de respostas semelhantes de acordo com a idéia central (IC) de cada resposta, a partir da semelhança semântica (LEFEVRE, F; LEFEVRE, A. 2005). Já para as perguntas que admitiram sim ou não como principais respostas, estas foram analisadas através de percentagem que foram transformados posteriormente em Gráficos e Quadros.

3 Resultados e discussões

3.1 Refletindo sobre o estágio supervisionado

O estágio pode ser caracterizado pela interação universidade/escola, pois através do desenvolvimento do projeto de intervenção no período de regência, o futuro professor tem a possibilidade de auxiliar a turma (que receberá o estagiário) a minimizar as dificuldades enfrentadas nas aulas de Geografia. Por isso faz-se necessário um planejamento conjunto entre estagiário e os professores supervisor e orientador, tendo em vista que essa cooperação é fundamental para estreitar a relação entre a universidade e a escola.

O planejamento deve acontecer em todo o estágio, voltado para a aproximação com a escola campo para identificar os principais problemas que dificultam o processo de ensino-aprendizagem de Geografia nas turmas observadas. No momento da regência, o planejamento é fundamental para dar mais segurança aos estagiários reunindo os elementos necessários para planejar as aulas e efetivar o projeto de intervenção.

Leandro et al (2009, p.06) ao discutirem o estágio supervisionado na UEPB advertem para a frequente confusão dos alunos de licenciatura a respeito do conceito de estágio, pois segundo os referidos autores, os graduandos ainda associam esta palavra as etapas finais do componente curricular, ou seja, ao período de regência. Acrescentando ainda outra concepção bastante comum entre os graduandos:

É a idéia de estágio como espaço de descrição de práticas e experiências de ensino pelos estagiários, sem propor ações efetivas de intervenção na dinâmica escolar que extrapolem o cumprimento do dever “curricular” do estagiário, ou seja, uma contribuição a escola que não se limite ao período da regência e ao espaço da sala de aula. O engajamento do estagiário ao espaço escolar é vivenciado como uma etapa burocrática de sua formação inicial (LEANDRO ET AL, 2009, p. 06).

De acordo com exposto acima, essa percepção do estágio como um simples cumprimento de mais um componente curricular é ainda frequente entre os graduandos. Essa concepção traz sérios prejuízos ao processo de intervenção porque contribui para a reprodução de práticas tradicionais já consagradas na escola. No período de regência, essa despreocupação por parte do estagiário em repensar o processo de ensino-aprendizagem é verificada a partir das aulas ministradas sem fins de intervenção, mas, sobretudo, pela excessiva preocupação com o processo de avaliação do componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia.

Essa prática leva a reprodução de aulas tradicionais, altamente dependentes do livro didático, sem vínculos com o planejamento escolar, sobretudo pelo desconhecimento do estagiário em relação as dificuldades apresentadas por parte dos alunos no processo de ensino aprendizagem. No que diz respeito a presença do estagiário na escola campo Passini (2010, p.11) lembra que:

É um desafio muito grande a busca de parceiros nas escolas receptoras, e sempre nos sentimos invasores de um espaço murado, com organização própria com sujeitos de diferentes idades em formação, os quais mantêm uma rotina complexa. O espaço escolar é social, e torná-lo mais produtivo depende não só dos sujeitos, mas fundamentalmente, dos sujeitos investigadores, que o observam e analisam suas possibilidades de mudança

Para a referida autora, mesmo não sendo simples o fato de inserir o graduando no campo de estágio, devido as relações sociais estabelecidas na escola e, sobretudo as territorialidades instaladas nesse ambiente, é preciso um esforço de todos que compõem a comunidade escolar a fim de melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Dentro desse contexto, os estagiários desempenham um papel fundamental: de investigar quais ações podem ser feitas para atingir esse objetivo.

3.2 O diagnóstico do espaço escolar durante o estágio supervisionado

A análise do questionário diagnóstico foi realizada considerando-se quatro eixos: conteúdos, metodologia, avaliação e sugestões. Entretanto, neste trabalho, serão abordadas apenas algumas questões relacionadas aos itens conteúdo e metodologia. Para tanto, a primeira pergunta aborda a satisfação dos alunos em relação a Geografia. As respostas podem ser verificadas pelo Gráfico 1:

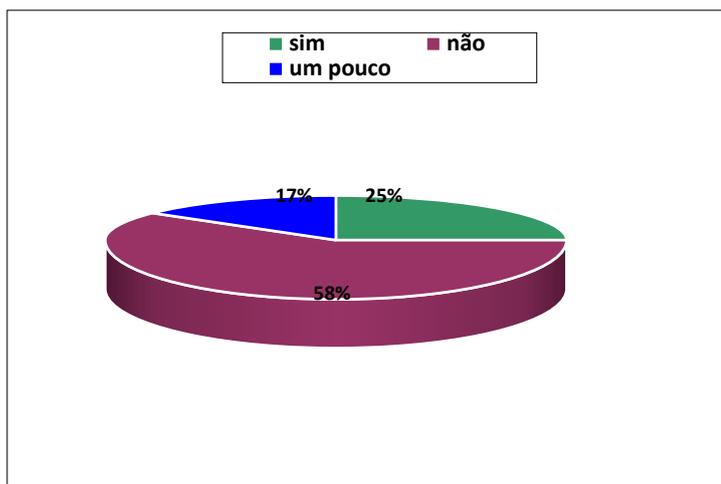


Gráfico 1: Você gosta de Geografia?
Pesquisa de Campo, 2011

O Gráfico 1 mostra que apenas 25% gostam de Geografia, enquanto 75% não demonstrou muito interesse pela disciplina. Esses dados podem ser atribuídos ao seguinte fato:

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses. (CASTROGIOVANNI, 2000, p.15)

A elevada porcentagem de rejeição em relação à Geografia pode estar vinculada as metodologias pautadas na memorização e no afastamento dos conteúdos dessa disciplina com a vida cotidiana dos alunos. O uso inadequado de recursos didáticos como mapas e uma avaliação pautada na excessiva cobrança de informações descontextualizadas dos conhecimentos cotidianos dos alunos, são exemplos relacionados a esse processo de rejeição. De acordo com os dados coletados, os principais motivos apontados pelos respondentes foram, que a disciplina é muito difícil, chata e “puxada” como é explícito nas falas a seguir:

“Geografia é muito difícil”, “muito chato estudar mapas, etc”, “tem muita coisa relacionada a história e as duas são muito chatas”, “a matéria é muito puxada e se torna chata”

Por outro lado, os discentes que admitiram gostar de Geografia, relataram que esta disciplina escolar é importante para uma pessoa se localizar no espaço, além de explicar muitos fatos. Vale salientar que a Geografia citada pelos respondentes é de caráter descritivo, pois é encarregada de trazer informações para o ser humano. Dentro dessa concepção, o aluno tende a se ver como um ser passivo na sociedade, esperando apenas o conhecimento pronto e cristalizado, não contribuindo para o desenvolvimento da aula. Situação totalmente antagônica ao que é proposto a seguir:

A aula é como um jogo em que os participantes vão trabalhar para atingir uma meta: a aprendizagem significativa, que tanto professores como alunos devem almejar. O professor, como líder, precisa fazer um jogo de sedução e convencimento para que todos se sintam envolvidos e suficientemente comprometidos com o alvo a ser alcançado. O plano conhecido e decidido com os participantes tem, muitas vezes, caráter de uma negociação em relação ao alvo, ao cronograma, à sequência das etapas e às formas de avaliação. (PASSINI, 2010, p. 13)

Dentro desse contexto, o estagiário – embora tenha uma visão externa a problemática da escola-campo – é um participante que pode auxiliar os alunos a atingirem a meta principal que é a aprendizagem. A principal contribuição do estagiário envolve as novas estratégias que podem ser implementadas no decorrer das aulas, através de metodologias mais atraentes para os discentes, auxiliando-os a reverter a percepção negativa frente a disciplina que grande parte da turma possui.

A segunda pergunta preocupou-se em identificar as principais dificuldades em aprender Geografia, conforme pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 01: Quais as suas principais dificuldades em aprender Geografia?

	Idéia Central (IC)	Nº de citações	%
IC 1	Mapas	12	33,3
IC 2	Leitura/ Livros/ Exercícios/ Memorização	06	16,6
IC 3	Respostas desconexas	05	13,9
IC 4	Respostas em branco	04	11,1
IC 4	Tudo	04	11,1
IC 5	Conteúdo	03	8,3
IC 5	Nenhuma	03	8,3

Observa-se, portanto que de acordo com as idéias centrais (IC) do Quadro 1¹, a presença de mapas foi apontada como maior dificuldade pelos alunos ao estudar Geografia, dificultando desse modo na aprendizagem de aproximadamente um terço dos discentes (33,3%). Já para 06 discentes (16,6%) as leituras, a grande extensão dos exercícios do livro didático e a necessidade de memorização nas aulas da referida disciplina é outro empecilho para os alunos da escola campo obter êxito nas atividades, como é exposto nesta fala: “*Os exercícios são grandes demais*”.

O ato de memorização predominantemente é atribuído a Geografia Tradicional, por isso, embora muitos professores afirmem trabalhar a Geografia em uma perspectiva crítica, as aulas continuam tradicionais e altamente dependentes do livro didático. As leituras e os exercícios se restringem a esse recurso e a memorização é cobrada nos testes, adotado predominantemente como principal ferramenta de avaliação. O Quadro 1 mostra ainda que as respostas desconexas, em branco e a afirmação de muitas dificuldades, representaram juntas 36,1% dos alunos que não conseguiram delinear os obstáculos para o sucesso da aprendizagem nas aulas de Geografia.

Os conteúdos também foram citados por 8,3% dos respondentes, esse número embora seja relativamente baixo chama atenção para a necessidade de o professor destacar durante as aulas o que é Geografia e quais conhecimentos de outras disciplinas são necessários para conhecer as organizações espaciais, ou seja, estudar a disciplina geográfica. A fala a seguir explicita a inserção da História no decorrer das aulas: “*É muito difícil por que tem que estudar muito. (...) também tem vez que tem que estudar até história*”.

A ligação com a disciplina de história se deve ao fato da Geografia Crítica na década de 1980 ter ampliado os conteúdos a serem trabalhados, por isso em determinados temas a Geografia se torna coadjuvante e a História se sobressai (SILVA, 2006, p.317) agravando o obstáculo de leitura apontado anteriormente. Contudo 8,3% afirmaram não haver nenhuma dificuldade ao aprender Geografia, esse grupo de alunos provavelmente gosta da disciplina, daí não elencar qualquer obstáculo, conforme ressaltado na seguinte fala: “*É só prestar atenção*”.

As dificuldades apontadas no Quadro 1 indicam que as metodologias tradicionais ainda se fazem presentes na vida dos alunos. Kaercher (2006) lembra a importância da mudança metodológica para alterar a relação professor-aluno a fim de ampliar o diálogo entre

¹ Os dados dos Quadros 1 e 2 apresentam número de citações superior (37) a quantidade de alunos alvos da pesquisa (36), devido a possibilidade de mais de uma resposta para essas perguntas. Apresentando-se no Quadro em ordem decrescente das citações.

eles e entre o conhecimento, fazendo surgir, portanto, dúvidas e questionamentos constantes no cotidiano de cada aluno. Por isso, é importante instigar nos alunos o questionamento daquilo que se escuta, seja no livro didático, na televisão ou na fala do próprio professor.

Assumindo uma postura investigativa, a Geografia pode ajudar o aluno a desenvolver habilidades tais como, observar, descrever, relacionar, interpretar, analisar e criticar. Dessa forma, proporciona a construção de conceitos geográficos, possibilitando o esclarecimento do significado, utilidade e dinâmica que os diferentes lugares e paisagens têm entre si e com nossas vidas (SILVA, 1996). Esse é um dos maiores desafios que os estagiários enfrentam: encontrar alternativas que possibilitem aos alunos a construção do conhecimento a partir de suas práticas cotidianas, repensando metodologias já utilizadas em sala de aula e identificando as lacunas de formação que devem ser enfrentadas.

O questionário também procurou investigar a importância da referida disciplina para a vida dos alunos, conforme mostrado no Quadro 2:

Quadro 2: Qual a importância da Geografia para você?

	Idéia Central (IC)	Nº de citações	%
IC 1	Conhecer cidades, países e continentes	15	41,6
IC 2	Respostas desconexas	09	25
IC 3	Aprender a usar mapas	04	11,1
IC 3	Nenhuma	04	11,1
IC 4	Branco	03	8,3
IC 2	Localização	02	5,5

Pesquisa de campo, 2011

De acordo com o Quadro 2 os alunos admitem que a Geografia é importante por possibilitar aos discentes: o conhecimento a respeito de uma localidade, a adequada utilização de mapas e a localização no espaço (41,6%). É bem verdade que a geografia possibilita tal apreensão, mas esse conhecimento é apenas uma ferramenta para que o discente possa compreender o todo, ou seja, o ambiente em que ele vive e as relações sociais em que está envolvido. Conforme as seguintes falas: *“Aprendemos mais sobre nossa cidade”*, *“Saber mais sobre o lugar onde vivemos”*, *“Me ajuda a compreender o mundo a minha volta”*.

Contudo, não pode ser desconsiderada a quantidade de alunos que afirmaram não haver nenhuma importância, além das respostas desconexas e os alunos que não responderam. De um total de 36 respondentes, 16 pessoas não demonstraram reconhecer a importância social da Geografia, o que em termos percentuais representa 44,4% do público alvo da pesquisa. Por isso, Kaercher (2006, p.230) afirma que no decorrer das aulas deve haver:

Um ensino dinâmico, atual, criativo e instigante para que nossos alunos percebam a Geografia como um conhecimento útil e presente na vida de todos. Ou seja, o que é uma aprendizagem significativa que relacione os conhecimentos que o aluno traz consigo aos que a escola/ciência acumulou ao longo de sua história. Insisto: os nossos maiores problemas não são de conteúdo, mas sim de falta de clareza, para nós mesmos, professores de Geografia, do papel de nossa ciência. Ou a Geografia se torna útil para os “não-geógrafos” (nossos alunos), ou ela tende a desaparecer! Ou vai continuar diluída como mera “ocupação” dos alunos com informações diversas. Uma espécie de “programa de variedades” que fala de todos os lugares e povos diversos e distantes. Só que sem cores e sons. Chatice, portanto.

Os aspectos destacados pelo autor estão presentes nos dados coletados durante o estágio, principalmente nos questionários, pois foi possível perceber que o caráter de inutilidade a respeito da Geografia é resultado da excessiva memorização de alguns conteúdos e na utilização inadequada de mapas, tendo em vista que essa foi a maior dificuldade citada pelos alunos para aprender a referida disciplina. Vale ressaltar ainda que as metodologias inadequadas são um entrave para qualquer disciplina podendo comprometer o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com o Quadro 2, 11,1% demonstraram interesse pela disciplina por reconhecer que esta, possibilita a leitura de mapas, fazendo-se inferir para a necessidade da correta utilização desta importante ferramenta para os estudos geográficos. Além disso, 5,5% admitem que a Geografia pode auxiliar o aluno a se localizar. Com isso, 16,6% dos discentes ratificam a importância da cartografia nas aulas de Geografia, como pode ser visto na seguinte fala: *“Para mim a geografia só é importante para indicar aonde estamos situados e saber seus aspectos”*.

É nítido que no decorrer da análise do questionário os alunos fizeram a correlação da Geografia com elementos cartográficos. Sendo a presença de mapas a opção mais citada pelos alunos alvos da pesquisa quando solicitados para descreverem as suas maiores dificuldades em aprender Geografia. Além disso, como foi dito acima, parte dos alunos reconhecem que a referida disciplina possibilita a correta leitura de mapas o que auxilia o aluno a conhecer não apenas o seu lugar, mas conhecer características de outras localidades, assim como saber orientar-se.

O estágio possibilita ao graduando a identificação de lacunas de formação e equívocos na execução das aulas pelo professor regente, assim como das principais dificuldades da turma frente as aulas de Geografia. O estágio também possibilita que através da regência o licenciando contribua com ações que minimizem tais dificuldades. Nesse sentido, a pesquisa é imprescindível no estágio porque estimula o estagiário investigar os obstáculos latentes que

impedem os benefícios da aprendizagem na turma observada, configurando-se dessa forma, um importante instrumento do componente curricular por oferecer a elaboração de um diagnóstico escolar específico para a realidade que o futuro professor vivenciará.

Considerações finais

O estágio não oferece receita pronta de como ministrar aulas críticas e dinâmicas, mas possibilita ao licenciando lidar com as ferramentas de diagnóstico do nível de compreensão dos alunos em relação a Geografia, aspecto necessário para a elaboração de propostas de intervenção a fim de minimizar os problemas de ensino-aprendizagem identificados. Desse modo, o momento de regência configura-se também como uma extensão da universidade na escola, sendo o estagiário agente fundamental nesse processo, com o apoio do professor supervisor e do professor regente. Esse momento é fundamental para identificar lacunas na formação inicial do licenciado e apontar caminhos para a sua melhoria. A aproximação do graduando com a escola antes da culminância do estágio é imprescindível, pois possibilita o conhecimento do público com quem o graduando irá se relacionar, ajudando na superação do modelo de aula restrita ao livro didático.

Na observação foi possível perceber o desafio que envolve o ato de lecionar, principalmente em modificar atitudes dos alunos e do professor supervisor já condicionados ao modelo tradicional. Verificou-se também que a pesquisa é imprescindível para a regência porque prepara o estagiário a partir dos dados coletados para a elaboração de aulas que trabalhem as dificuldades identificadas na turma observada frente ao conhecimento geográfico.

Enfrentar tais dificuldades é possível através de um projeto de intervenção, avaliando todo o processo de execução e não apenas os resultados obtidos, já que envolve uma relação entre a universidade e a escola. Dessa forma, o estagiário pode contribuir para a melhoria das aulas de Geografia na escola campo, considerando que o estágio realizado com pesquisa é uma contribuição para a formação do professor pesquisador, profissional indispensável hoje para a superação do modelo de ensino de Geografia ainda predominante nas escolas brasileiras centradas na reprodução de um conhecimento cristalizado, além de um docente dedicado a investigar o cotidiano escolar.

Referências

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: _____. CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. (org) **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEANDRO, Aldo G. et al. A prática de ensino e o estágio supervisionado na UEPB: reflexões a partir da formação docente. In: 10º ENPEG, 2009. Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre-RS, 2009. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20%2803%29.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2011.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Depoimentos e Discursos: uma proposta de análise em pesquisa local**. Série Pesquisa. v. 12. Brasília: Liber Livro, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Projetos, relatórios e textos na educação básica**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PASSINI, Elza Yasuko. Introdução. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (org). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010 .

SILVA, Jorge Luiz Barcellos da; O que está acontecendo com o ensino de geografia? Primeiras impressões. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. Cita